



O Papel da Radiofoniação de A Guerra dos Mundos¹

Josias Pereira - Unifamma²

Karine Brito dos Santos³

Anderson Gatti⁴

Adriana Kloster⁵

Resumo

O presente trabalho pretende levantar um questionamento em um evento acontecido há mais de 70 anos, quando Orson Welles e o grupo teatro Mercury realizaram uma adaptação do livro “A guerra dos Mundos” no dia 30 de outubro de 1938 e como as novas pesquisas em psicologia do desenvolvimento, cognitivas, esquemas mentais e a Teoria das Representações Sociais – (TRS), podem explicar o fenômeno ocorrido. Analisando estes fatos podemos também contribuir para uma melhor adequação da disciplina psicologia da comunicação na área de comunicação social.

Palavras Chave: Psicologia, Comunicação, Cognição, Teoria das Representações Sociais

Historia

A descoberta do Rádio passou por varias pesquisas em diversas áreas do conhecimento e teve sua ascensão em 1887 quando o alemão H. Hertz cria um aparelho que produzia ondas eletromagnéticas que ficou conhecido como Ondas Hertzianas. No Brasil o Padre Landall de Moura em 1892 fez a primeira transmissão de voz sem fio, porém não realizou o registro da invenção, o que Marconi o fez em 1896 sendo conhecido como o inventor do rádio.

Na mesma época, em 1895, surge o cinema e a sociedade cresce e se desenvolve com estas duas realizações tecnológicas que vão influenciar a sociedade da época. O cinema com o seu modo universal, filmes de varias partes do mundo eram exibidos, Lumiere, Mellies, D.W Griffith, Chaplin, Eisenstein, dentre outros, ajudavam a diminuir a distância do mundo, no inicio mudo e depois falado.

Por outro lado, devemos imaginar a sociedade americana da década 1930, e como o rádio com o seu uso diário se transforma no companheiro do dia a dia. Em 1929 a sociedade americana sofre com a quinta-feira negra e a queda na bolsa, onde o capitalismo tem que se refazer. No Brasil, em 1930, um golpe leva Getulio Vargas ao poder. Tanto nos Estados Unidos como no Brasil o radio passa a ser usado para explicar a população os atos que o governo estava tomando, em função do analfabetismo ainda ser grande no Brasil e o número de imigrantes que não dominam a língua Inglesa ser grande nos Estados Unidos.

O presidente americano Roosevelt tinha um programa de rádio “Conversa ao pé da lareira” para informar aos americanos sobre as medidas que estava tomando após a queda da bolsa em 1929, criando o habito do radio transmitir informações relevantes para a sociedade. Assim, o rádio passa a ser mais do que apenas

1 Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul

2 Documentarista e diretor de TV, mestre em educação e tecnologia

3 Publicitária e discente de psicologia

4 Discente de Comunicação Social

5 Discente de comunicação social



entretenimento, mas também um elemento de informação importante na época. O cinema se dedica mais ao entretenimento e é ainda restrito as classes que podem pagar para assistir a sessão. Já o rádio se torna um objeto para adquirir informação no dia a dia, criando um *habitus* ou esquema mental.

Os avanços tecnológicos permitiram que o telefone fosse usado na rádio a partir da década de 30. Assim o rádio deixa de ser um informante em segunda pessoa, o locutor informando o que uma autoridade comentou e o público passa a ouvir diretamente o comentário da autoridade em questão, a chamada sonora, que no rádio passou a ser realizada ao vivo pelo telefone. Este tipo de linguagem apresenta um caráter de legitimidade a reportagem, pois não era o locutor que resumia um aspecto da entrevista ou do ponto de vista, mas era dito diretamente por um especialista, um professor universitário ou profissional do meio.

Apresentamos uma visão de como era a sociedade na época e o que estavam acostumados a ouvir no rádio. Apresentaremos agora como Welles realizou seu programa e as mudanças que levaram ao desespero aos ouvintes em 1938.

Rádio Teatralização

A radio CBS, Columbia Broadcasting System e suas afiliadas transmitiam um programa de radio teatro, onde o desconhecido Orson Welles realizava adaptação de obras teatrais. Este tipo de programa não era novidade na época. Welles trabalhava com o grupo de teatro Mercury e já tinha realizado 16 teatralizações, peças como Dracula (July 11, 1938), The 39 Steps (August 1, 1938), Abraham Lincoln (August 15, 1938), dentre outras. . Porém no dia 30 de outubro de 1938, algumas mudanças foram introduzidas na rádio teatralização de A guerra dos Mundos, fazendo que a peça tomasse dimensões não imaginadas antes. Segundo a professora Gisela Swetlana Ortriwano⁶ as nove horas da noite do dia 30 de outubro de 1938, a rádio CBS transmitiu, dentro do programa Radio teatro Mercury, A invasão dos marcianos, uma adaptação da obra “A Guerra dos Mundos” do escritor inglês H. G. Wells, onde centenas de marcianos invadem a terra em astronaves na pequena cidade de New Jersey chamada Grover’s Mill.

A grande mudança realizada por Welles foi à construção realista da peça, criando elementos que saiam da radiodifusão de uma peça teatral que os ouvintes estavam acostumados e modificando a linguagem para uma linguagem jornalística.

A rádio teatralização começa com uma música ambiente que aos poucos é cortada com flash jornalísticos sobre uma suposta “invasão” e, aos poucos, personalidades conhecidas são entrevistadas, no caso é importante fazer a co-relação com a lingüística e o lugar social de quem fala. Outro ponto importante levantado pela professora Ortriwano (1999) é que “O conceito de rotatividade de audiência, que hoje faz com que as notícias sejam repetidas à exaustão uma vez que as pessoas estão sempre começando a ouvir o rádio naquele exato momento, ainda não existia.”

Assim, pessoas que estavam trocando de estação ouviram os especialistas comentando com medo a invasão. Eram especialistas que mediarão o fato acontecido dentre as personalidades estavam, o astrônomo, o comandante de polícia, o vice-presidente da Cruz Vermelha, o Capitão da Marinha, o Secretário do Interior dos EUA e depoimento de populares estas sonora deram a credibilidade para que as pessoas acreditassem e começaram a fugir da cidade como o locutor enfaticamente pediu.



Segundo o jornal *New York Times* no dia 01.11.38 apresenta a manchete “Ouvintes de rádio em pânico tomam drama de guerra como verdade”

Alguns sites, blogs de rádio comentam e apresentam a radiofonização, no nosso caso, esta não é a preocupação, por isso iremos apenas apresentar uns trechos do site “radio internacional” para podermos apresentar a visão da psicologia cognitiva e do desenvolvimento sobre o fato ocorrido. Segundo o site nos Estados Unidos, pessoas rezavam, choravam, fugiam espavoridas ante o avanço dos habitantes de Marte! Outros se despediam dos parentes, pelo telefone, preveniam os vizinhos do perigo que se aproximava, procuravam notícias nos jornais ou (noulras) em outras estações de rádio, pediam ambulâncias aos hospitais e automóveis à Polícia. Mais tarde, centenas de pessoas foram ouvidas, num grande inquérito científico. Eis alguns trechos de depoimentos:

MRS. FERGUSON, doméstica de New Jersey: “(...) senti que era qualquer coisa de terrível e fui tornada de pânico (...). Decidimos sair, levamos mantas (...)

JOSEPH HENDLEY, do Médio Oeste: “(...) Caímos de joelhos e toda a família rezou (...)

ARCHIE BVRBANK, encarregada de uma bomba de gasolina: “(...) O locutor foi asfixiado, por ação dos gases: a estação calou-se. Procuramos sintonizar outra emissora, mas em vão... Enchemos o depósito do carro e preparamo-nos para fugir, o mais depressa possível...”

MRS. JOSLIN, de uma cidade do leste: “(...) Quando o locutor disse - Abandonem a cidade! - (...) agarrei o meu filho nos braços, e precipitei-me, pela escada abaixo (...)

MRS. DELANEY, dos subúrbios de Nova York: “...Segurava um crucifixo e olhava pela janela, à espera de ver cair meteoros...”

HELEN ANTHONY, colegial de Pensylvanw,: “(...) Duas amigas minhas e eu chorávamos, abraçadas, e tudo nos parecia supérfluo, ante a proximidade da morte...

UM ESTUDANTE: “...Cheguei à conclusão de que não havia nada a fazer. Imaginamos que nossos parentes e amigos haviam morrido. □Percorri quilômetros em 35 minutos sem saber o que fazia...□

UMA NEGRA, SYLVIA HOLMES, de NEWARK. fugiu para a rua e dizia aos que a tranquilizavam... “Então não sabe que New Jersey foi destruída pelos alemães? Eu ouvi na rádio...”

Teorias

Segundo a professora Gisela Swetlana Ortriwano (1999) “a grande maioria dos acontecimentos importantes chegam primeiro pelo rádio, seja direta ou indiretamente: quem avisou, ficou sabendo pelo rádio”.

Para Pierre Bordieu (2004), *habitus* é uma subjetividade socializada e produto das relações sociais, para o autor cada grupo social, em função das condições objetivas que caracterizam sua posição na estrutura social, constituiria um sistema específico que é transmitido aos indivíduos na forma do “*habitus*”.

Fazendo uma analogia com a psicologia podemos dizer que os esquemas mentais se desenvolvem durante o processo de socialização e se constroem a partir da informação anteriormente disponível, ou seja, a pessoa cria um habito, que para psicologia é a criação de determinados esquemas mentais, esquemas cognitivos que são repetidos.

Segundo Bourdieu (1996) A enunciação pode fracassar quando o enunciador não tem autoridade de emitir, pois a eficácia do enunciado depende da autoridade de quem o pronuncia.



Analisamos então a importância do lugar social de quem fala, e não do discurso proferido. No caso americano a população já tinha o hábito de ouvir no rádio informações e notícias sobre o país. O rádio e seu jornalismo faziam parte do cotidiano dos ouvintes, o radiojornalismo torna-se mais complexo e ganha maiores espaços nas rádios, criando o esquema mental que se a programação fosse interrompida, era por que alguma coisa aconteceu. Como no Brasil acontece com a música do Plantão da Rede Globo de Televisão, sempre que a “vinheta” toca interrompendo a programação sabemos que algo importante aconteceu. No momento estamos utilizando duas referências de áreas distintas para explicar um fato. Há várias definições sobre esquemas mentais e sobre a socialização primária que criaria os *habitus*.

O discurso se torna verdade quando se acredita em quem fala. Para a filosofia Aristotélica o poder está baseado na habilidade do enunciador de produzir persuasões que são crenças e não conhecimento. Para a psicologia a verdade é o que se acredita ser verdade e não a verdade imposta.

Psicologia Cognitiva e Esquemas Mentais

Esquemas mentais são como roteiros a serem seguidos pela mente, dentro de um script dado ou imaginado. Quando se vai a uma cidade pela primeira vez, o motorista fica atento, pois não sabe em que rua entrar, então ele segue o caminho mais atento, na segunda vez que o mesmo motorista vai a mesma cidade, já conhece o caminho, tem uma representação mental de como chegar, tem um esquema mental do caminho e fica mais tranquilo ao dirigir o carro.

Há vários conceitos sobre esquemas mentais; para alguns os Esquemas, Scripts são conhecimentos gerais sobre certo tipo de acontecimento. Segundo o professor Marcos Emanuel Pereira da UFBA “Os esquemas se desenvolvem durante o processo de socialização e se constroem a partir da informação anteriormente disponível”, seria o que Piaget descreveu como sendo uma tentativa de assimilação e acomodação. Para Vygotsky as relações sociais que vão criar as adaptações mentais criando esquemas mentais diferenciado na interação do sujeito com a sociedade ou com o ambiente. Podemos dizer que esquemas mentais são conhecimentos adquiridos na interação, ou seja, para assimilar uma informação devemos acomodá-la em um espaço, em um esquema mental. Não conheço a cidade, mas assimilo com informações de cidades parecidas, depois de conhecer a vida de acomodo as informações novas da cidade.

Esquemas Mentais e a Rádio teatralização.

Nos Estados Unidos da América, a população já estava acostumada com o rádio, em se informar pela nova tecnologia, hábito criado por meio das notícias sobre a economia no programa “conversa ao lado da lareira” do presidente Roosevelt. As sonoras ao vivo já tinham sido incorporadas, criando na população um esquema mental de como a rádio contribui informando fatos relevantes para população.

Por outro lado devemos analisar a linguagem jornalística usada por Welles, ou seja, ele criou um programa, onde era realizado interrupções com flash jornalísticos que informava a população do “suposto” acontecido, como acontecia no dia a dia. Assim as pessoas que já tinham um esquema mental sobre as informações jornalistas anunciadas pela rádio, ficaram a mercê da adaptação de Welles, acreditando ser verdade.



Teoria das Representações Sociais

A seguir, propõe-se uma análise criteriosa sob a ótica da Teoria das Representações Sociais – TRS, no intuito de estabelecer correlações entre o fenômeno social implicado no episódio mais impressionante da história da rádio “A Guerra dos Mundos”, e o comportamento desencadeado pelos interlocutores, devido a repercussão causada na época.

Segundo Moscovici (1978, p. 26, 27 e 28), propositor desta teoria, uma representação social “é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. É um sistema de valores que representa alguém ou alguma coisa e sinaliza aquilo que é socialmente valorizado, tornando inteligível a realidade física e social.

A partir da definição clássica de Moscovici é possível considerar, por exemplo, a visão de mundo que os interlocutores tinham sobre a rádio na época. O rádio existia havia menos de vinte anos, e já era visto como um veículo de comunicação e credibilidade, pois transmitia informações reais, inclusive por autoridades políticas, como o caso do presidente americano Roosevelt supracitado.

A representação social que a rádio tinha na sociedade contribuiu para que a fala dos “rádio atores” fossem analisadas como verdade, pois o conhecimento é elaborado “individualmente”, de modo particular, ou seja, cada indivíduo tem a sua visão de mundo sobre o rádio, de acordo com os inputs recebidos, considerando as possibilidades da época, seja por intermédio do próprio rádio, de outros programas que já tinham sido veiculados, ou meio de outras pessoas, enfim.

Posto que as pessoas detenham a noção de rádio como instrumento de construção do real, espera-se que o indivíduo se comporte ou reaja, e se comunique ou inter-relacione, de modo a empregar essa visão de mundo, e comungá-la com os demais. Assim, a força impressionista do rádio, tal arraigada era a crença em tudo que o rádio diz, suplantou o discernimento dos ouvintes, a ponto de levarem-nos a fugir, mediante o pânico desencadeado com as notícias.

Para Jodelet (2001, p. 18, 24 e 25), as representações sociais são uma “forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada”, de cunho prático, que visa contribuir para a “construção de uma realidade comum a um conjunto social”. São fenômenos complexos que estão em ação na vida social e guiam os indivíduos na nomeação e definição conjunta dos diferentes aspectos da realidade cotidiana, bem como no modo de interpretá-los. São considerados enquanto “sistemas de interpretação”, pois orientam e organizam comportamentos e comunicações sociais.

A certeza de que o perigo era iminente levou grande parte dos ouvintes a agir de forma a confirmar os fatos que haviam sido narrados em A Guerra do Mundo, ocasionando, por exemplo, sobrecarga de linhas telefônicas, aglomerações nas ruas, congestionamentos, etc. É notável que o livro de Welles, escrito há mais de 100 anos, tenha em 1938, alcançado tamanha popularidade pelo peso de tais representações sociais e, devido ao impacto causado pela invasão anunciada pelo rádio, o que se tornou o caso mais célebre de histeria coletiva da História.

A brincadeira radiofônica de A Guerra dos Mundos, além dos seus graves efeitos, chegou a ser considerado à época como “um dos mais extraordinários fenômenos de sugestão coletiva. É interessante questionar a aceitação da versão da “apocalíptica reportagem”. O que explica o aparente caráter de realismo e verossimilhança das



mensagens transmitidas, terem sido suficientemente capaz de convencer milhares de pessoas a não enxergar um evento de pura ficção extraterrestre?

Primeiramente, na leitura de Jodelet, vale ressaltar que as representações sociais do rádio, na época, foram constituídas apenas em tese, de modo individual ou particular. Na realidade, as representações sociais são elaboradas e partilhadas socialmente, o que denota mais complexidade tanto quanto relativo à sua produção, quanto no que tange a sua circulação. Neste viés, a construção da visão de mundo de uma rádio confiável, informativa do real, transmissora de ocorrências não fictícias, tornou-se comum para aquele conjunto social. A partir daí, instituiu-se nos sistemas de referências pessoais, essa noção, reforçada a cada dia: creia em tudo que o rádio diz.

O caso Welles, viria chocar, abalar e impactar os sistemas de referência do povo americano, na medida em que se encaixou como uma luva dentro das idéias pré-concebidas e catalogadas no imaginário dos interlocutores sobre a rádio. Assim, o modo de interpretar a teatralização, fora até certo ponto coerente, com a opinião pública da época sobre a rádio, ou seja, já que a rádio é um veículo de credibilidade, que fala a realidade, a verdade, isso que está sendo noticiado, também o é. E por que não? Exatamente a falta desse questionamento que manteve os ouvintes no automático, sem pensar racionalmente na viabilidade do fenômeno em questão.

Já Spink (Org.) (1993, p. 8 e 9), considera as representações sociais como produtos tanto de determinações históricas, como do fato realizado no momento, sendo, portanto, dinâmicas em sua essência. Possui a função de orientação no sentido de situar o indivíduo no mundo, e com isso, definir a sua identidade social, que seria o seu modo de ser particular. São valorativas, antes de serem conceituais, respondendo a ordens morais locais, e por serem conhecimentos práticos, são orientados para o mundo social, dando sentido às práticas sociais.

Fora a determinação histórica, citada na contextualização desse artigo, sugere-se que, a representação social do rádio, na época, estava muito ligada ao seu papel, enquanto meio de controle social, e às condições iminentes de guerra, a qual estava sujeita a população norte-americana. Em que medida essas forças históricas empreenderam gás a construção das representações sociais do rádio enquanto veículo credível é uma questão a ser mais bem estudada. Mas, certamente, reconstituir a visão de mundo do rádio à época, longe de ser uma mera elaboração hipotética, pode fornecer dados significativos para compreender e aprofundar a essência do movimento social desencadeado em A Guerra dos Mundos.

Outras contribuições para este estudo de caso estão no âmbito da importante relação entre a mídia e a construção das representações sociais. Vejamos, pois as proposições de Sá, Guareschi e Di Giulio, confrontando com o aspecto de realismo do texto de Welles e a construção de conhecimento pela opinião pública, ainda que sugerida por esses autores no caso da TV, mas, de aplicação cabível para o universo radiofônico, no intuito de delinear hipóteses mais consistentes sobre o caso em questão.

Para Sá (1995, p. 27 e 28), um questionamento singular é pertinente neste contexto: “qual a origem da compreensão dos assuntos e das explicações confiantemente emitidas pelas pessoas. Como teria sido gerado tal conhecimento?” Na perspectiva psicossociológica, os indivíduos não são simplesmente “portadores” de ideologias ou crenças coletivas, e sim pensadores ativos que, a partir das interações sociais, “produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que colocam a si mesmos”.



No caso de Welles, presume-se que a enorme confusão causada pelo programa de rádio estava diretamente

ligada à falta de senso crítico, à desinformação de setores da sociedade com baixa escolaridade e a sintonizações tardias do programa. Ainda assim, as pessoas tomarem como verdade um factóide de invasão extraterrestre, suscita no mínimo uma curiosidade de saber como as pessoas chegaram a tais conclusões, considerando até mesmo as representações sociais dos próprios extraterrestres pelos locutores. Dispensando exageros de qualquer natureza, o que poderia tornar nonsense a caracterização deste artigo, vale a pena pontuar a construção da realidade pela mídia.

Guareschi (1991, p. 7 e 14), afirma que a comunicação mediatizada constrói a realidade e que, num mundo permeado de comunicação, a única realidade passa a ser a representação da realidade – um mundo simbólico, imaterial. Assim, a comunicação organiza e instaura um novo ser: o homem programado e, tudo que se lê, se vê, se ouve e se sabe, direta ou indiretamente, passa pela ditadura comunicacional, que comanda o trânsito de mão única, das idéias. Por isso, a comunicação é duplamente poderosa, tanto porque pode criar realidades, como porque pode deixar que existam pelo fato de serem silenciadas.

A Guerra dos Mundos é um exemplo fatídico de construção da realidade pela mídia. Colocando à parte os questionamentos com relação à intencionalidade de Welles, no sentido de ter agido de má fé ou não, ainda que do ponto de vista ético isso ainda inspire questionamentos de tal natureza, a radiofonização teatral do caso em questão revela, a quase 70 anos do ocorrido, a presença marcante da mídia e o seu efeito crítico, e por vezes deletério, no comportamento social.

Finalmente, Di Giulio *et al* (2008, p. 16) ressalta que divulgação midiática pode ampliar ou atenuar a percepção, a depender da extensão da cobertura e da seleção dos fatos que se faz ao divulgar um acontecimento ou uma situação. O autor considera que a forma como os meios de comunicação divulgam uma determinada situação de perigo, por exemplo, influencia diretamente na percepção das pessoas e nas suas respostas e atitudes.

A aceção de Di Giulio é a pedra toque para a compreensão do fenômeno de A Guerra dos Mundos. A cobertura radiofônica fora realizada de modo estruturado e qualimetricamente pensada. A inserção de boletins a cada momento, a presença de personalidades dando depoimentos, o realismo com que eram feitas as interrupções do programa, os efeitos sonoros, um conjunto capaz de levar os ouvintes da rádio a acreditar que a cidade de Grovers Mill, e depois todo o país, estivessem realmente sendo atacados por marcianos.

Talvez A Guerra dos Mundos tenha sido de fato uma das coisas mais criativas e apavorantes que o rádio já fez. Mas, certamente, a relevância desse fenômeno social, ainda carece maiores reflexões. A manchete do jornal New York Times, em sua edição de 1º de novembro 1938 - “Ouvintes de rádio em pânico tomam drama de guerra como verdade” não serviu somente para dizer: “Não creia em tudo o que diz a rádio”.

É incontestável que Welles iniciou uma nova era no rádio e nos meios de comunicação em geral. E, para todos os efeitos, uma ponderação aos comunicadores ou comunicólogos de plantão: Se, para Welles, A Guerra dos Mundos não tinha maior significado que uma distração de feriado que tinha a intenção de ser, a resposta para tal enigma histórico estaria apenas no fascínio dos interlocutores por um contato direto com os marcianos? Qual a responsabilidade de nós, profissionais de comunicação, na veiculação das mensagens midiáticas? Fica, portanto, um convite e uma recomendação, ao mesmo tempo, para se conhecer e aprofundar nos liames da Teoria das Representações Sociais, arcabouço complexo e bastante rico para a compreensão e decodificação



das mensagens midiáticas. Quiçá, uma chave mestra para, quem sabe, instituir, por exemplo, um caráter mais pedagógico e reflexivo para a mídia.

Finalizando

Welles sem querer mostrou como a mídia de certa forma influencia o dia a dia das pessoas. Em 1972 Maxwell e Shaw desenvolveram a teoria da agenda Setting que é a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção de suas notícias determina ou cria a “pré-disposição” para um debate público, sobre o que o público discutirá. O que vai levar no século XXI o professor Silverstone criar a teoria do 5º poder, onde o professor da London Scholl defende o conhecimento do funcionamento da mídia para que as pessoas possam ficar imunes ao 4º poder.

As novas teorias da psicologia contribuem para que possamos analisar os fatos da época com lentes diferenciadas, imaginando, ou tentando, saber o que aconteceu aquele grupo de pessoas e por que a principio uma brincadeira tomou posições tão grandes.

Welles que depois dirige um dos filmes mais polêmicos de Hollywood, cidadão Kane, apenas mostrou a vulnerabilidade da época. Hoje debatemos a diferença entre ter informação e como transformar esta informação em conhecimento.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Lingüísticas. São Paulo: EdUSP, 1996.

_____. O Poder Simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DI GIULIO, G. M.; PEREIRA, N. M.; FIGUEIREDO, B. R. de. O papel da mídia na construção social do risco: o caso Adrianópolis, no Vale do Ribeira. Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 29, set, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho A. Comunicação e Controle Social. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1991.

JODELET, D. As representações sociais: um domínio em expansão. In: D. Jodelet (Org.) As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MEDITSCH, Eduardo (org.). Rádio e pânico: a Guerra dos Mundos, 60 anos depois. 18. ed. Florianópolis: Insular, 1998. 240 p.

MOSCOVICI, S. A representação social da Psicanálise. Trad: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.

Ortriwano, Gisela Swetlana. texto: A invasão dos marcianos: A Guerra dos Mundos que o rádio venceu . 1999

SÁ, C. P. de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: O Conhecimento no Cotidiano: As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPINK, M. J. (Org.) O Conhecimento no Cotidiano: As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.